

Ruben A.

PÁGINAS
(V)

ASSÍRIO & ALVIM

PÁGINAS DE CASA

PORTUGAL VISITED - 1954

detesta novos-ricos, aqueles que nos últimos quartilhos de anos fizeram rapidamente fortuna a abusarem do próximo adentro das maneiras mais suaves. Suspeito dos fabricantes de açúcar grão-de-bico línguas de bacalhau monarquias pirolitos ò laranjadas água de Caneças cafés sem cafeínas cervejas sem cervejinas.

O Guincho é genial em tardes desventadas com sol molengão a aquecer a água.

Coimbra, 22-10-54. Tinha de descontar esta letra a 10 anos de vista. Os juros têm sido caros. Puxa! Não vinha aqui desde que ergui brados à liberdade académica.

Desembarco do comboio, e os simpáticos corretores, cheios e semelhantes à humanidade das prostitutas, ainda continuam resignados a fazer o *trottoir*. *Pschuu! Pschuu! Hotel Astória, Avenida Hotel, Hotel Internacional, anda cá meu filho, vem comigo, anda,* e de cada vez que pára o comboio há sempre um que é engatado: «Senhor Doutor, eu levo-lhe a mala. O Senhor Doutor já não se lembra de mim, sou do Avenida Hotel.»

Anda para trás memória roubada ao tempo e planta-me na minha autobiografia, leva-me de braço emprestado e caminha-me, sem me melindrar na transparência das épocas. Não olho já para o Mondego, nem para os modernos edifícios, que estão todos numa copulação incestuosa.

Vim para casa dos Torgas. São pessoas assim como eles de quem eu gosto: calmos, simples, com entusiasmos vivos às grandes coisas, aptos a mergulharem-se num lá dentro que se transforma em substância escrita. O Torga é como eu: a literatura é uma coisa sagrada — ou se é escritor, ou o melhor é apanhar bolotas nos

azinheiros de Alter do Chão, escorraçados os meios termos e anúncios nas gazetas locais de pomadas para o espírito. Nada de transigir no que é sagrado, são, puro.

Cheguei à estação e pouco depois eles lá estavam. Viemos até aqui a casa, batemos ao correr da noite um valentíssimo papo. Os «Ulímpicos» foram discutidos e dissecados na sua fase mais emocionante. Viajo em missão romântica, venho apalpar o *Caranguejo* e sentir-lhe as entranhas. Está quase pronto: já tem cabeça, pernas e peito. Agora só falta da barriga aos calcanhares.

Entre outras coisas espantosas, os Torgas têm a primeira edição das *Poesias* de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila. Possuem outros troços de pensar e muitos de ver, e até de beber um vinho do outro mundo. Deito-me a ouvir o som da noite a escoar-se ao longo do vale e antecipo o prazer da madrugada quando atirar os olhos por aqui abaixo. Satisfaço-me de pequenas visões, adentro da minha medida e sem exigências que não me pertencem. Vejo mais atento que a luz entra acanhada por meios tranquilos de Outono adormecido — olho para o vale que tantas vezes vi e no estremunhamento levanto o meu primeiro voo matinal. Ah! Grande Barbela, como as tuas meias vozes são prolíferas na terra recambiada dos mestres não cantores. Estou com medo de voltar a languidar-me pela Alta, são capazes de me transformar num mausoléu de novo-rico com chaves incrustadas a madreperola pelas costas acima. Nem morrer se pode nesta terra, dão-nos logo importância e muitos dourados.

Num ápice, sem vergonha, saltei ao Largo de Santana 16. Estaquei no Senhor Ventura — não o do Torga — e o primeiro golpe trágico apareceu: o Zé do Chiado tinha morrido há dois anos, o filho alarve, louro de espanto, também já não vivia e a mulher de desgosto

acabara por deixar-se morrer solitária. A solução de morrer era a única que lhe restava.

O Zé do Chiado ganhava a vida a levar malas de estudantes à Estação Nova e a trazê-las para a Alta. Andava sempre com a carrinha, era o ganha-pão. Mesmo quando pedíamos ao Zé do Chiado para ir comprar um maço de cigarros ele levava a carrinha. Era um tipo inconfundível. Depois das sete da tarde, hora em que ele fechava as suas actividades de patrão, empregado e intermediário, começava a embebedar-se e tudo o que ganhava no transporte de malas, sacos de farinha, açúcar e outros pesadelos, ia pela goela abaixo. O filho ria-se e apanhava pontapés — era igual ao Mudo dos Irmãos Max.

Das coisas mais bonitas de Coimbra é o Jardim Botânico. Tem árvores parecidas com os bichos do Jardim Zoológico e uma disposição de ar livre que passa pelos poros sem correntes de ar traiçoeiras. Sentei-me a pensar como o Zé do Chiado gostava de ir deitar-se nos bancos do Jardim Botânico quando adormecia das piegas, por lá passava sempre e por lá descansava os olhos na verdura de um futuro que não podia ter. Devia ser uma das raras recordações que ele transportou consigo desta terra.

Puxa! Deram cabo da Alta! Estão lá dois quartéis de artilharia pesada que metem medo, até pelo cheiro. Calma, cientificamente, deram razia de tudo. Nem a casa de Eugénio de Castro resistiu. Então no vasto e magnífico pátio da Universidade plantaram lá a estátua de um Henrique VIII quase prenhe. Parece uma visão pública do horror. Dá a impressão que o monarca protestante está a dejectar em pé e cheio de um mau humor gordo, sem graça, pouco acolhedor no olhar terrífico com que mira as Anas Bolenas caloiras da

Universidade. Um pascácio! Perpetuar assim a memória de um monarca é atraíçoar vilmente a História de Portugal e de Inglaterra. Providências para apeiar o monarca estranho ao nosso solo pátrio.

Na antiga Peneira, falei com o Armando de Lacerda¹ — depois fui cheirar os cubículos onde se esparge de eternidade grega e latina quem se aproxime à distância de fogo. Deu-me a impressão de se publicarem em excesso opúsculos sobre contravogais em semânticas não rítmicas da esclerose do ditongo. Esmaga-me. Desci depois ao Museu para abraçar o Luís, que para mim também já é do Museu pelas recordações deixadas. Aos saltos de gamo passei da Alta à Baixa e não vi, na rua torta e estreita, a célebre C. d'Aço, mulher notável de prestígio nacional, conhecedora a fundo de gerações e gerações. Perguntei o que havia a uma simpática vizinha. Disse-me que *a* d'Aço, devido ao seu adiantado estado de idade e de decomposição, emigrara para a província. Retirara-se com o pequeno pé-de-meia que a coitar ameahara durante uma vida dedicada ao bom funcionamento glandular da juventude académica. Puxa, pensei, *a* d'Aço na província! Ordem e Progresso. Suor e lágrimas. Caixa sem Previdência. Siderurgia Sexual.

Não quis tocar em mais nada. Fiquei incólume. Desci o Quebra--Costas e desembarquei no arco de Almedina. Ainda olhei para os dois ou três sítios cheios de passado, com um musgo de saudade a espreitar, mas já não podia mais. O choque tinha sido muito forte, não suportava abater-me assim de chofre, havia bem visíveis restos de mim pendurados pelos sítios conhecidos de comum. Meti-me no ronceiro,

¹ Armando de Lacerda (Porto 1902-Coimbra 1984), Professor de Fonética da Universidade de Coimbra, criou vários instrumentos de fonética e fundou o Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras.

voltei a casa para um jantar regado de vinho de trás da orelha em companhia de bons anfitriões. Falámos, falámos, falámos e analisámos a tragédia da tragédia portuguesa: não termos tragédia! Somos uns regionais com possibilidades medíocres de exportação tanto em bananas como em ideias. Depois do jantar demos um longo passeio na continuação do falar sobre a vida portuguesa onde a desgraça está a ultrapassar as correias que nos prendem a locais acanhados. Poetas, prosadores e plásticos sofrem da tragédia de serem locais numa apoteose de incompreensão até perante eles próprios. Do local passam ao genial e nada se poder dizer, pois o bicho exalta-se. E os Torgas são de entusiasmo, um muito obrigado pelo albergue. O pessimismo do Torga corre paralelo com o meu optimismo. Para o Torga, uma obra publicada é boa, fraca ou má por razões óbvias da razão. Eu não analiso. Se uma obra — mesmo com qualidades — emprega palavras a que sou alérgico, não me é possível procurar outras razões de desgostar. A palavra é para mim a primeira e fundamental vivência de uma obra — se as palavras me arrepiam a sensibilidade, lá se foi o livro e o autor nada por água abaixo. E, realmente, os grandes livros são imaculados de *aquiesceras Senhoras Suas Esposas deleitou-o com Milu ao parapeito da sacada exterior quando da passagem pela artéria principal deparou os lábios de Rodolfo a retirar um cigarro debaixo do quebra-luz da tabacaria «Nova-Lusa». Muito gentil o cacharolete que ao pôr do Sol trouxe de braço dado a Doutor Gouveia e a Menina Soares Cunha. Que Disparate! A língua que uso é a minha primeira realidade palpável, só posso apreciar bem um livro quando está ultrapassada esta barreira de começo. É a condição básica que ponho para um livro começar a ser livro.*

Ao comer do pequeno-almoço recomeçámos a nossa «Ulimpíada» com *café au lait* e uma compota de laranja que me tirou as

faringes só pelo cheiro. Há uma alegria fundamental naquele que cria — é a alegria que se sente depois de se ter cumprido a tragédia; o mesmo nos aplausos que saem fortes no final do *Hamlet* e d'*O Rei Lear*. É uma alegria de satisfação realizada pelas entranhas do próprio cerne. O Torga vê a realidade trágica no facto, no homem e na vida — há um pessimismo duplo a rodeá-lo —, um pessimismo por dentro e por fora que vive *nele* e nas coisas fabulosas em que ele toca.

Lisboa aparece como bexiga esvaziada. Afinal a vida é feita de bocados ligados pela corrente invisível que vai de nós para as coisas. Tenho de voltar a Coimbra para me angustiar completamente num à-vontade de meia bola e força. A vida calma de Coimbra inveja-me. Ali vive-se o tempo a dobrar, na medida em que o usamos. Em Lisboa — o tempo é dos outros. Falam, falam, falam. Em Coimbra possuem-se mais absolutos, nada fica pendurado em estupefacientes de chatice.

O pôr do Sol da varanda da casa do Régio, o convento da serra de Ossa e as árvores nocturnas foram o espanto do deslumbre «Ulímpico».

Foi uma travessia de âmago ocidental num cheirar concreto de paisagem. Cada dia que passa tomo mais a consciência de ser indígena destas terras — absorvo o húmus que me pertence, vejo a terra e alastro-me pelo horizonte num deambular completamente meu. Não me importo para nada que nas conservatórias do registo predial esta imensidão de terras esteja nomenclaturada de Silvas, Pintos, Galos, Ferreiras, Barbosas, Carvalhos, Costas e estampagens semelhantes de mais complicada soletração ou caligrafia — para

mim, isso não vale nada, nem um chavo alentejano, dos graúdos, significativos. A terra só pertence a quem tem a consciência, delicada sensibilidade, de se empenhar a ela numa harmonia total. Sou português de entranhas porque o Portugal me pertence. Vejo num segundo toda a paisagem do Algarve ao Alto Minho — conheço os bocados mais claros, distingo os mais escuros. Sei que da varanda do Régio olho pela planície abaixo num perder-se junto aos confins de Montemor e nos outros nomes de fácil soletração — Estremoz — Évora-Monte — Arraiolos. Sei que toda essa imensidão me pertence.

Aqui está o Régio — é pessoa simples de trato, cavalheiro de recebimento e anfitrião de bom espírito. Só se dá aos golos pequenos. O Régio como pessoa é muito inglês — de uma educação pontual e abandona-se depois a uma boémia de verdadeiro espírito. Não acredita nos males do isolamento para a produção ou evolução da sua criação artística, e o seu temperamento mantém-se fiel à tarimba de uma linha traçada há muitos anos — sem uma pessoa de família, sem ter nascido no Alentejo, sem nada que explique a não ser o prazer feliz de estar só e a longinquidade da paisagem —, ele vive de verdade gozando na alma os poemas do seu maduro *sentir*, ao mesmo tempo que as peças antigas do museu constroem séculos de caruncho, pátina movimentando-se em direcções santificadas. Os males do isolamento é assunto de difícil solução. Quanto a poemas e a alguma prosa corrida acredito numa criação meditada, espontânea. Agora no que se refere ao teatro preciso pensar dois bocados. Estou convencido de que o teatro necessita de uma profunda vivência espectacular por parte do autor da peça. Até certo ponto o autor e o actor juntam-se, são siameses, ouvem os mesmos gritos e dão passadas de arte no tablado para ver o efeito. É tudo efeito. Foi assim com Shakespeare, Molière,

e com tantos outros. Não é regra, mas é muito importante a ligação. Um dramaturgo precisa de viver no palco, de cheirar a técnica dos camarins e de ver as luzes ao subir do pano para gritar: *suas bestas, não é assim, vamos repetir a cena*. E, de facto, doa a quem doer, é raríssimo ver-se quem viva teatro em Portugal.

Daquela varanda debruçada em êxtase sobre uma vastidão quase marítima, Régio soletra um mundo que os outros pensam pertencer-lhes. Ele é dono de Portalegre e Portalegre tem valor por lá viver o Régio — de resto são algumas casas brasonadas de meia dúzia de fidalgos em compota. Salva-se a Matriz.

Típico Alentejo é de Évora a Redondo — aí o sobreiro abraça os olhos mais tímidos dos passantes e o trigo sobe às alturas de palheiros amontanhados. Redondo é pobre, tem uma louça local com certa graça quando o desenhador — que é ao mesmo tempo o barreiro e o manipulador — aplica a sua imaginação a criar uma fauna surrealista. Mas o barro é pobre, nada como os barros de Asseiceira, ou mesmo os precários de Barcelos. Tem, sim, de bonito a intensidade de amarelos. E em Redondo as olarias são porta sim, porta sim. Nascem oleiros, vivem oleiros e morrem a fazer tijolo. É uma terra simples, limpa, sem transcendência, a não ser aquela construção assombrada, altiva e nobre que se desperta aninhada no Convento de São Paulo, na serra de Ossa.

Fundado por D. João I, lugar de recolhimento, no secreto do oratório, do rei abismado Sebastião, antes de levar a eito a sua aventura sanguínea no Norte de África, o convento da Ossa foi também a paragem onde esteve D. Catarina de Bragança, e desterro forçado dos meninos de Palhavã, obrigados a uma clausura penitente pela polícia vigilante de Pombal.

O convento fica quase no alto da serra de Ossa, a uns oito quilómetros de Redondo na estrada para Estremoz. Parece-se com tudo aquilo que uma pessoa civilizada gostava de possuir. Tem celas proporcionadas, abertas de alegria para um vale de limoeiros, cruza-se de corredores e transborda-se de azulejos em renques gloriosos de cenas bíblicas, judaicas e cristãs. Tem mármore de Estremoz em escadarias reais e no claustro cheira-se aventura genuína de cavaleiro solitário. Há um tanque palatino para mergulhos, natações calmas ao abrigo de laranjeiras e limoeiros. É ali que apetece falar com D. Sebastião e convidar Dona Catarina para tomar chá ao abrigo de pequenas falas amorosas, referentes ao mau comportamento de Carlos II da Inglaterra. O sombrio dos castanheiros faria desmaiar a alma triste da Rainha estéril. Ali podíamos ter discussões monstras com D. Sebastião — talvez mesmo possível mudá-lo de ideias — e que ficasse por cá a tratar de nós, e não a pecar pelo orgulho de querer vir nas selectas de leitura dos meninos obedientes.

O convento parece um poema depositado pela madrugada na encosta de uma serra bem domada. Com livros, viagens ao estrangeiro e amigos para arejar o bafio da mediocridade local, era capaz de lá viver encaixado.

Dormimos em Castelo de Vide, no bera hotel local. À noite, o primo do Cavaleiro da Barbela atacou o piano e despejou na bolorenta sala, tipo meio-bordel provinciano, músicas clássicas de modernidade. É um hotel estranho — parece um dos hotéis que existiam nos fins do século XIX na Crimeia, onde os russos imperiais iam tomar águas depois do Inverno duro de S. Petersburgo, vodka e Moscovo. O cenário é tal qual. Ouvem-se pela manhã os sons vivos dos guizos das *calèches* transportando meninas casadoiras

para uma primeira observação de oficiais apumados. Os grupos cortejam-se, há sorrisos de familiaridades — é Tchékhev servido ao natural com Turgueniev e outros tantos vivos a serem livros bem abertos. A vida toma um sabor diferente, tranquiliza-se de sentimentos fáceis.

— Este Inverno, em Moscovo, minha prima saía a cavalo com o Príncipe Oblonsky, que viera de Cracóvia para a Academia Militar. O frio fazia bufar, como as chaminés de colmo da nossa herdade de Skipov. Ialta é muito agradável para vir passar os meses de férias.

— Natacha, agora que ninguém nos vê... agora!

— Ah! Vai ali o Príncipe Oblonsky com Verina, a mulher do primeiro comandante de lanceiros. Como ele se deita no ombro...

— Natacha, não fuja. Natacha, o nosso amor... Natacha, quero voltar a Moscovo e viver na certeza do seu amor. Vamos passear até ao pequeno bosque, junto da ravina de Sebánol.

— Não posso, não. Aqui, de forma alguma, depois de tomarmos o comboio para Moscovo, eu falo, digo-lhe tudo. Temos de nos ver muitas vezes em Moscovo, vamos aos teatros, vamos ver a ópera de Glazunov.

— Verina, deixe-me beijá-la uma vez, antes de sair, antes, ninguém nos vê. Volte a cabeça, atire-se para os meus braços, antes de Moscovo. *Voilà, comme c'est bon!*

— Um perigo Oblonsky, um terror se o comandante descobre, e vai ali o seu primeiro ajudante com a menina Natacha, filha dos Petrovs. Se ela viu... Temos de nos separar, já. Saia por ali, vá de volta que eu sigo. Até ao comboio. Em Moscovo...

— Natacha, Natacha não me deixe aqui, vamos ao circo, temos de voltar ao hotel. Estão lá todas as outras amigas que fazem *cotillon*

para a festa de beneficência a favor dos pobres de Ialta. Que tarde maravilhosa!

Um, dois... Um, dois... Um, dois... Um, dois... E o comandante do primeiro regimento de lanceiros, estacionado em Sebastopol, marchava bem cadenciado à frente dos seus soldados e oficiais montando os célebres baios da Arménia. De chapéu de plumas ao vento, o ar marcial não permitia mirar a tragédia de Verina. A sua partida para Moscovo deixava-o entregue a provas equestres para disputa da taça entre oficiais da guarnição. *Au revoir. Bon voyage.*

Castelo de Vide é um ninho de pombas brancas, excluindo o hotel que parece uma capoeira de Moscavide e o edifício da escola local que é o último insulto oficialmente levado a cabo contra a célebre vila que viu trabalhar Garcia de Orta, nascer Mouzinho da Silveira e o não menos conhecido António Cruz e Silva — o poeta d’*O Hissope* — tipos de classe que não se podem desprezar.

Quem quiser passear no século XIV, XV ou XVI tem de vir a Castelo de Vide, subir pela encosta maravilhosa que leva lá ao alto, ver panorâmicas do outro mundo. Sentar-se no adro da igrejinha da Alegria

*Que lá do alto do Castelo
Ó Senhora da Alegria,
Vosso olhar tão puro e belo,
Seja sempre o nosso guia.*

*Guiai os nossos passos,
Curai a nossa dor,
Tomai-me nesses braços,
Onde esteve o Senhor.*

*Senhora d'Alegria,
Ó virgem toda pura,
Sem vós o próprio dia
É como a noite escura.*

*Do Alto desse Castelo,
Senhora d'Alegria,
Guardai-nos com desvelo,
A toda a hora do dia.*

e o prazer é retinar os azulejos policromados, ficar ali, um ali que foi o pouso onde o poeta D. Dinis casou com a Rainha Santa Isabel.

*— Ai flores, ai, flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
ai, Deus, e u é?*

Depois de dar um curto salto de trote e ir ao pé ver a casa onde os noivos passaram a lua-de-mel, preciso de cheirar o encanto dos amores medievais estendidos pelas ravinas dos montes circunvizinhos.

Visito a prisão que dá entrada às torres do Castelo e olho para as flores que por todos os lados nos cumprimentam, mais ainda à ombreira de portas com arcos ogivais. É como uma pessoa sentir-se trovador e despachar em pequena velocidade os seus *ais* mais aromatizados. A vista entrecortada de ângulos rectos em imagens de espelhos partidos transmite um cubismo de casario dando contactos imediatos a uma modernidade sempre patente — faltam pintores para estamparem na tela aquelas formas abstractas, em desenho no

concreto do horizonte. É das coisas mais belas que há em Portugal. Os planos desdobram-se em imprevistos de telhados e chaminés, até ao momento incólume de se desembocar no largo onde uma fonte dá principalidade a tudo o que a musa canta. Fonte maravilhosa com colunas datadas da Renascença, magníficas esculturas trabalhadas nos quatro lados do centro fontanário. Em cada viela, em cada rua menor, em cada ladeira, descobre-se um novo motivo de encanto: ou uma escultura gótica, ou uma janela manuelina ou um enquadramento próprio aos temas de Braque.

Para o almoço tivemos a companhia do Régio, que de Portalegre veio. Comemos livres, ao ar, olhando a serra numa perspectiva rendilhada. No contudo, talvez a coisa mais espantosa seja o ar — o ar entra de serpente dentro sem pedir licença —, estamos constantemente a ser banhados de ar e a sair de um fresco saudável. Tomámos banho de ar aos mergulhos leves, boiando no pairar saltámos de colibri a Marvão. A Sophia recitou aos deuses.

Fica a saudade de um ar leve, colorido, que se nariza facilmente.

Marvão parece uma alheira estendida sobre a Natureza. Ao longe as ameias afiadas rompem em gritos de alacridade quando a quando coloridos saltam de açafão mesclado por uns tons de salmonete na grelha. Passam-se as cores em voltas de arco-íris centrados no cordel da alheira. A marca de genuidade lá está atestada por um sinete de bom quilate, dando às gentes a verdade da origem. O enchido pode comer-se à vontade que o chumbo é garantia dada ao mundo pela marca Marvão.

O dia foi imediatamente proclamado «Ulímpico». Todos os ingredientes: natureza aos saltos, poetas a bailar e contudos de êxtase até nos sítios mais canhotos.

Do alto do Marvão fica tudo no chão. Ali abutres e águias reais visitam castanheiros cheios de filoxera. Os deuses menores andam às turras abarrotando felicidade. É um dos poucos sítios na terra onde apetece atirar o corpo e deixá-lo pairar confuso, abandonado de surpresa. Cada vez que venho a Marvão olho para o meu corpo a dar voltas no ar e a fazer piruetas inéditas no horizonte alcatifado. Segundo a segundo deito-me e ouço os sons da ribeira de Marvão a recordar poemas pastoris vividos na época da desova das trutas.

Os «Ulímpicos» estavam em grande forma. Espirravam sobre o Régio toda a casta de possibilidades. E, realmente, foi um dos dias mais ricos que vivi — as cores, limpas, num anunciar transparente de trovoada —, a terra, encarnada de suar todo o Verão, longe as povoações de Beirã, Nisa, Alpalhão, Castelo de Vide, mantendo namoro descarado com a serra de Marvão, até indecente a chusma de baboseiras que dirigiam ao castelo. Todos nós debruçados sobre a planície fizemos uma sentinela espiritual à paisagem. Puxa! De um lado, nítida imagem virada ao norte, lá para os contrafortes da serra da Estrela, Castelo Branco mostrando azeite de primeira — cá para baixo palco de uma destas histórias do outro mundo, coloridas, bem aumentadas. Por toda a banda, o fogo de queimadas longínquas a trespassar a Natureza, mesmo paralelo ao horizonte.

A vida em Marvão está ali intacta — é como uma flor que não murchou. As grades das janelas manuelinas chupam-se da mesma graça antepassada ao lembrarem os cavaleiros da raia a pedirem albergue nocturno às donzelas amorosas. Ali sente-se a fronteira e olha-se para o outro lado no contínuo dizer: *de Espanha, nem bom vento, nem bom casamento*. Hoje já não há heróis nem cavaleiros de capa e espada, estão todos nos museus para gozo empalhado de

excursionistas da província e de meninos do liceu. A nossa época é de merceeiros, margarineiros e pasteiros — estes é que estão ao natural em toda a parte —, são os nossos heróis contemporâneos. Em vez de espada têm rabo de bacalhau, em vez de chapéu usam caspa amarela, em vez de oração soletram a escrita e em vez do amor chupam os palitos do vizinho com um tom de dores de fígado e um parto de êxito razoável. Alguns, de charuto na boca, ruminam a sua inferioridade e amancebam-se com a secretária que pretende melhoria de ordenado. «Dá-me 250 de arroz colonial, meio pacote de margarina para fazer cancer e um quarto de litro de petróleo» — de facto, para isto é preciso uma grande camada de heroicidade, é preciso transcendência e oração antes da batalha. Heróis de pimpampum nas suas rubicundas figuras deixam lastro de guano no andar cilíndrico pelas rodovias nacionais. Para estes heróis há um museu a cada esquina de rua onde o ranço ancestral é servido à chávena sem descontos para poetas. No entanto, nunca estes tipos hão-de ver Marvão — vêm sabão para rimar e barrela aos sovacos apodrecidos de gesticulação com pernas de galinha na boca.

O ar de Marvão acompanha o de Castelo de Vide com mais ninharias de suspenso. O ar está connosco, faz-nos companhia — é um ar que entra cá para dentro puramente gratuito, o panorama e o ar juntam-se para olharem para o nariz voltado em catavento na direcção às aldeolas da planície.

Aceno ao poeta no Alto da Boavista e de despedida em punho saltámos de novo até Castelo de Vide.

1 de Novembro de 54. Volta aos pátrios lares — dia cinzento — chuvoso-caloso, sem graça — realmente, depois do dia «Ulímpico»

era impossível manter a mesma pressão. De Castelo de Vide saltámos a Alpalhão onde de soslaio comprei um par de queijos e de Alpalhão até Nisa foi um tiro de bacamarte.

Nisa é a última beleza do Alto Alentejo — é mesmo já nas encostas da despedida e de onde ainda se vê Marvão, mas onde se respira já um aroma penetrante a Beira Baixa. Fomos comprar barros de Nisa. *Ah! Cães de Nisa!* Grande frase — só em Nisa é que percebi bem a realidade da expressão. É que os cães de Nisa são os melhores perdigueiros do país. Para levantar perdizes e caçar no monte não há como esta cãozoada. Tantas vezes na vida tenho dito: *Ah! Cães de Nisa* — num grito aflitivo de implorar um superlativo absoluto. O meu constante desejo de superlativo fez-me gritar pelos cães de Nisa na praça mais pública da vila. Ao meu berro *Ah! Cães de Nisa!*, só apareceram meia dúzia de rafeiros sonolentos, o resto, de quatro costados e livro de linhagem, andava na arte de bem caçar a toda a gana — o que tinha ficado na praça pública era o resíduo das noites de insónia dos Senhores Cães de Nisa, nobre raça que fareja altiva o nosso país de norte a sul. *Ah! Cães de Nisa!*

Numa das casas menos solarengas vimos lindo bragal. Qual não foi o espanto quando a noiva disse que o enxoval de luxo era só para mostrar aos amigos e convidados no dia do seu casamento! Depois vendia-se o bragal, contava como dote. Havia até algumas noivas que compravam enxovais em segunda mão e outras que alugavam o bragal. Quatro lençóis, oito travesseiros, duas colchas, mantas bordadas, toalhas de todos os feitios e outros pormenores de uso íntimo. Nisa fica como terra simpática de bordadeiras, oleiros e cães de bom faro.

Dali, debaixo de uma chuva miúda que cheirava a petinga, os «Ulímpicos» avançaram à conquista do Castelo de Belver na margem

direita do Tejo e lugar onde D. Sancho deve ter tomado vários pequenos-almoços de azeitonas, chouriço e vinho dos barrancos. Fomos a Belver por causa de Alexandre Herculano, foi ele que numa carta, ainda inédita, e dirigida ao Marquês de Sabugosa, escreveu estas estupendas linhas: «O que não me enfastiou foi o alto Tejo desde Alvega a Belver com os seus cachões, com os seus pegos profundos, torcido, rasgado, remoinhando por entre as pedras. Imagine um vale tortuoso de três ou quatro léguas estreitando entre montanhas nuas e desertas, onde raro se vê um pequeno olival ou vinha, perdidos no meio das urzes ou tojos rasteiros. No fundo um leito de rochedos disformes onde passa o rio semelhante a uma fita estirada ao acaso, e envolvida nessa tempestade de rochas. Dir-se-ia que o vale do Tejo naquelas paragens é um cemitério de gigantes cujos monumentos foram revolvidos por um terramoto. Visto do alto das torres arruinadas do Castelo de Belver, o espectáculo do rio barrento perdido naquele labirinto de rochedos é uma coisa que deve ver-se ao menos uma vez na vida.»

Mas o espantoso é que reconstruíram o Castelo! Puseram-lhe pomadas, pó-de-arroz e telhas por cima, parece papelão molhado. Em Portugal não há respeito pela ruína. Uma coisa é conservar, limpar, lavar, arrumar, e outra é reconstruir, misturar, arranjar, até estar tudo bonitinho com retretes e cozinhas quase eléctricas. A beleza da ruína é a própria ruína e tanto se é selvagem a deitar abaixo como a pôr em cima. Quando penso no Castelo de S. Jorge, até me apetece vomitar lá de cima, quando penso na Alta de Coimbra, até fico com soltura. Para prazer dos responsáveis devia providenciar-se um caldeirão medieval cheio de azeite a ferver para verificar os pecados mortais destes cenógrafos de meia tijela. *Ah! Cães de Nisa!* Ladrai alto e em bom som para não ficarem capados.

Em Belver almoçámos no Barata para pouco depois partirmos até Abrantes pela margem sul. A região que vai do Gavião a Abrantes, por Alvega, já pouco tem para contar. Em Alvega os edifícios são horrorosos, tipo região próxima a Aveiro, na zona que liga a Espinho.

Em Abrantes estava tudo como dantes. Mas havia uma coisa bonita: quatro mil vasos de crisântemos espalhados pelo centro da cidade. Crisântemos de todas as cores prestando sentinela florida aos forasteiros em dia de finados.

Em Abrantes «Us Ulímpicos» tresmalharam-se, fugiram-me da mão e começaram a portar-se mal.

Fiquei amuado e não falei mais nas possibilidades olímpicas de nova viagem passeio mistério. Já é tarde para irmos a Almourol. Fica para outro giro — e o programa foi alterado por motivo imprevisto, regressando tudo caladinho a Lisboa debaixo de água numa tristeza de fim que me esmaga e abandona. Sinto uma Quarta-Feira de Cinzas a ofuscar-me os sentidos mais impenetráveis. Rezo-me e não encontro a oração apropriada, vou-me por água abaixo sem palpitações loucas ou calafrios de pele arrepiada. Virgino-me. De novo com esta sensação imponderável de ser só. As pessoas gostam-se umas das outras, eu gosto de todas e todas não se gostam de mim. É tremendo viver esmagado pelas circunstâncias acidentais do isolamento. Toco à campainha e ninguém responde, deixo-me estendido a dormir no degrau ouvindo em sonho o repicar de sinos graúdos. É tudo momento, é tudo um sentir de absurdo que passa ao de leve pelos outros sem que lhes tome o tino mais do que o tempo para chegar ao dobre da esquina. Até os Cães de Nisa me abandonam.